

# “Compreensão na...”

por Tom Camargo  
de Paris

(Continuação da 1ª página)

GAZETA MERCANTIL



Dilson Funaro

de importações... apontamos como levianos ou irresponsáveis, mas embolsam todos os cheques dos pagamentos que fazemos e que estão em dia, segundo o que foi negociado... (os países ricos) querem impor uma receita que só atende às suas próprias necessidades”, comentou o ministro em diferentes ocasiões.

Ele afirma que a posição que está explicando não é nova nem fruto de uma disposição pessoal. Diz que ouviu do presidente Sarney, logo no início de seu governo, sobre a necessidade de atender mais aos interesses internos do País e menos às preocupações com sua imagem internacional ou o mau humor dos banqueiros e do FMI.

“Este ministro tem credibilidade”, disse um banqueiro francês a este jornal. “Não pairam dúvidas sobre sua honestidade, não se sabe que ele tenha favorecido ou sido favorecido por este ou aquele credor.”

Na análise de assessores de Funaro, a viagem foi um êxito, porque todos os interlocutores do ministro teriam percebido que ele não estaria blefando. “Não tem dureza na conversa para o público e pés se roçando debaixo da mesa”, disse um deles. “Muitos até podem não concordar com o que o ministro explica, mas ninguém acha que ele fala sete cartas de mentirinha

com o Fundo Monetário Internacional (FMI).”

Na Alemanha, Funaro foi classificado como “excessivamente otimista”, “voluntarista” e até como “um pouco ingênuo” por alguns de seus interlocutores do setor industrial. No geral, contudo, o zelo missionário do ministro parece mesmo ter rendido dividendos. Na sexta-feira, falando de Londres, um funcionário graduado do Lloyds Bank, o maior credor do Brasil na Europa, disse que o presidente da casa, sir Jeremy Morse, tinha ficado “muito impressionado” com a exposição de Funaro durante um almoço oferecido a banqueiros locais na residência da embaixada brasileira. “Talvez seja cedo para falar em volta ao mercado voluntário”, comentou a fonte. “Mas parece que se vai criando um clima para diferenciar o caso brasileiro.”